



10 ANEXOS

Quadro Funcional completo

Diretora: Andrea Zimmer

Vice-diretora: Daian Lahn

Coordenadora pedagógica da Ed. Infantil e dos Ciclos Iniciais: Lea Cristina Borges dos Santos

Coordenadora pedagógica Ciclos Finais: Joice Maria Lamb

Orientadora Educacional: Daniela Pontes Flor

Coordenador do MOVE: Rosalino Francisco da Silva

Secretária: Gislaine Teresinha Santos de Almeida

Professora da Biblioteca: Isabel Mittman

Professores:

Tamara Budke

Alexandro Rafael Amaro

Ariane Porto

Angela Lisiane Dassow

Carin Hartmann Naissinger

Carina Lusía De Carvalho

Carla Fernanda Fries Marques

Carolina Teresa Pereira

Caroline Kuhn Antunes

Claudia Candida Sobral Ferreira

Erna Sissi Frey

Joao Diogo Dos Anjos Trindade

Fernanda Da Silva Thume

Fernanda Duarte De Oliveira

Franciele Denise Carvalho Gross

Gabriel Nunes Ramos

Gabriela Pahl

Geovana Goulart Diehl

Henrique Ludvig Fazenda

Iara Iochims Da Rosa Fleck

Josicler Formenton



Juciane Cristina Azevedo
Leila Maria Colombo Gomes
Liani Kegler Walzburger
Lucas Wolff De Oliveira
Marcos Oziel Dos Santos
Milena Marta Heldt Teixeira
Najara Cristine Korschner
Nara Eliete Gomes Borowski
Patricia Pereira Silva
Patricia Teresinha Smaniotto
Pollyanna Moreira E Silva
Raquel Manon Wagner
Rodrigo Chaves De Souza
Rosalino Francisco Da Silva
Rosimari De Paula Almeida
Sonia Biazus
Taiane Silva Dos Santos
Tais Gabriele Do Calmo Da Silva
Tamara Caroline Budke Alves
Tania Mara Lima Barros
Thiago Nogueira Rosa
Vanusa Braz

Funcionários

Carla Janine Kunz
Clair dos Santos Pereira
Loreci Nunes Ribeiro Arnold
Marcos Oziel da Silva
Nilda conceição Raimundo
Tais Hoffmann
Rosane Rodrigues
Rosimeri Gonçalves Ferreira



Dados da Patrona da Escola

Nome da patrona: Adolfina Josefina Meyer Diefenthäler

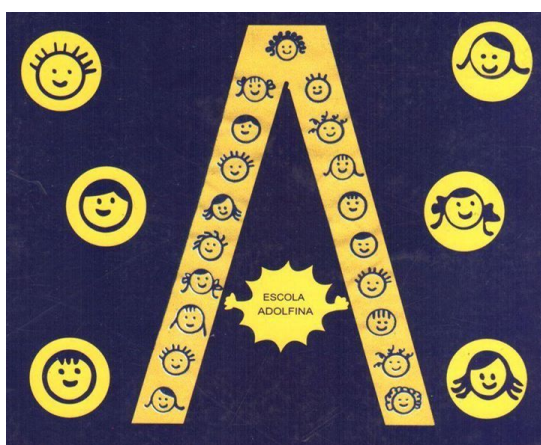
Data de nascimento: 27 de abril de 1863 em Lomba Grande

Data de falecimento: 23 de julho de 1947 em Porto Alegre

Adolfina foi professora em escola pública de Porto Alegre seguindo a profissão até sua aposentadoria. Era considerada muito rígida e exigente, porém muito bem conceituada pelos pais por exercer ótimo controle com seus alunos. Foi professora de Português, Francês, Inglês e Alemão. Casou-se em 18 de dezembro de 1927 com Adolf Diefenthäler. Não teve filhos e passou a criar seus enteados.

Logotipo da Escola

Representando a letra inicial do nome da Escola o primeiro logotipo foi criado em 2003, pela professora Carla L. Henckel. Tem as cores azuis e amarelas por serem as mesmas da bandeira e os variados tipos de rostos representando os alunos da Escola.



Em 2013, o logo foi atualizado a partir de um concurso. Os alunos desenharam sugestões e o professor Rodrigo Chaves colocou-os na forma de logotipo. As sugestões foram votadas e o novo logo escolhido pela comunidade escolar.



Bandeira da Escola



A bandeira criada pelos estudantes do 2º ano B, através de uma Gincana Escolar realizada no ano de 1992, expõe através do seu desenho e jogo de cores o seguinte significado: o círculo azul representa o mundo, o universo; o sol amarelo é o conhecimento produzido na escola de direito de todos; o retângulo branco é a Escola recebendo e interagindo neste universo do saber.

Hino da Escola

Hino criado em 1997, pela aluna Ana Paula de Brito, da 5ª série B, com o apoio da professora pianista Iara Koch.

ESCOLA ADOLFINA

ADOLFINA RECANTO DO SABER

O LUGAR CERTO DA CRIANÇA CRESCER



E COMEÇAR A VIDA FORA DO LAR
NO INÍCIO É DIFÍCIL
DA MAMÃE SE AFASTAR

MAS QUANDO CONSEGUIMOS
UMA PALAVRA FORMAR
FICAMOS ORGULHOSOS E VAMOS A TODOS MOSTRAR
DAS PALAVRAS VÊM AS FRASES
O TEMPO VAI PASSANDO
E NÓS VAMOS MOSTRANDO QUE SOMOS CAPAZES
:/VAMOS EM BUSCA DO CONHECIMENTO
ENCONTRAR A CIDADANA
ATRAVÉS DO LER E ESCREVER
COMEÇAR A CONHECER A VIDA E VIAJAR NO SABER/:



Projeto de Iniciação Científica

Objetivo Geral:

Aprender através da pesquisa científica escolar.

Objetivos específicos:

- Envolver os alunos e professores em projetos de pesquisa a fim de que possam conhecer e utilizar a Metodologia Científica e desenvolver habilidades necessárias para o trabalho colaborativo.
- Estimular o desenvolvimento do pensamento, da criatividade e da reflexão crítica.
- Conhecer diferentes formas de investigação, elegendo a metodologia adequada para realizar a pesquisa.
- Produzir conhecimento próprio a partir da observação do meio, da resolução de problemas e do desenvolvimento da pesquisa.
- Oportunizar a todos os alunos e professores a participação numa Feira Científica.

Alunos atendidos: Todos os alunos da escola. Da Educação Infantil ao 2º ano os alunos são atendidos na turma pelo professor titular. A partir do 3º ano os alunos são atendidos em grupos de até 5 participantes. Todos os trabalhos desenvolvidos participam da FIC - Feira de Iniciação Científica

Contextualização:

A EMEF Profª Adolfin J. M. Diefenthäler, de competência municipal, está localizada no bairro São José, na cidade de Novo Hamburgo -RS. Possui aproximadamente 740 alunos de Ed. Infantil até o 9º ano, sendo 330 apenas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Como a maioria das escolas com Anos Finais, o currículo é dividido em disciplinas e cada ano escolar possui nove disciplinas e nove professores diferentes. Desde o início da nossa gestão, em 2012, procuramos desenvolver projetos que melhorassem a qualidade da aprendizagem dos alunos e aumentassem o interesse



tanto dos alunos como dos professores para o trabalho colaborativo e a pesquisa como método de ensino. A metodologia utilizada nas aulas era muito tradicional, basicamente ancorada em aulas expositivas ou em trabalhos de pesquisa bibliográfica realizados pelos alunos e apresentados nas aulas. O projeto então visou, ao mesmo tempo, apresentar a alunos e aos professores o método de pesquisa científica.

O projeto iniciou com um piloto envolvendo apenas as turmas de 9º ano em 2014. Em 2015, aumentamos a abrangência envolvendo as turmas de 8º e 9º ano. Em 2016 até 2018, o projeto envolveu todos os alunos e professores das 13 turmas do Anos Finais (6º ao 9º ano). Em 2019, o projeto foi ampliado para incluir todos os alunos a partir do 3º ano no atendimento em grupos. Os outros alunos são atendidos nas turmas.

Fundamentação Teórica:

O conceito de “aluno pesquisador” é pensado desde o início do século XX, com o intuito de tornar o aluno não pensante, não reflexivo em um “cientista-mirim”. (BARCELOS et al., 2010). As novas propostas que incentivam a formação do aluno pesquisador visam mudar a metodologia tradicional que acaba limitando o aluno a dominar conteúdos, sem ter capacidade de pensar, refletir e propor soluções sobre problemas do cotidiano. Outra ideia que se tem defendido é que a escola tem o papel de formar seres críticos e participativos, ocupando o seu espaço em sua comunidade (BARCELOS et al., 2010). Conforme FRANCISCO & SANTOS (2014), apesar da educação formal desenvolver um papel importante na aprendizagem dos alunos, outros meios possíveis de aprendizagem se tornaram mais atrativos e descontraídos para os discentes, como museus e centros de ciências. De acordo com DORNFELD & MALTONI (2011), metodologias que incluem a ciência e tecnologia na educação básica, podem contribuir para uma ação pedagógica interdisciplinar. Como também, desenvolver muitas habilidades nos estudantes. (TOGNI, 2013). E ainda DORNFELD & MALTONI (2011), salientam que, atualmente a educação básica brasileira não tem atuado no sentido de incentivar o interesse e a curiosidade dos alunos para as ciências, e que muitas vezes o professor não consegue relacionar a ciência com o cotidiano dos alunos. Conforme MORAES & BELLUZZO (2014) medidas de incentivo, ao professor e ao aluno, mais humanas e voltadas à cultura seriam mais efetivas para o progresso dos mesmos. Dessa maneira, a escola é importante, pois pode ajudar o aluno a ser mais ativo em sua comunidade, aplicando os conhecimentos



apreendidos no seu cotidiano e assim construir conhecimentos necessários para prosseguir na vida acadêmica e profissional. (SOARES & ANDRADE, 2006) Nessa perspectiva, de tornar o aluno crítico e participativo, o Projeto de Iniciação Científica, teve como principal objetivo oportunizar que os alunos e professores aprendam a aprender continuamente e utilizem o conhecimento adquirido para a compreensão e transformação da realidade em que vivem.

Metodologia e Cronograma

1. Os alunos formarão grupos de 5 alunos. Os grupos podem incluir alunos de todas as turmas do turno do mesmo nível.
2. Cada professor ficará responsável por atender a quantidade de grupos definida em conjunto de acordo com o total de alunos. Os grupos poderão também ter um professor coorientador, caso seja necessário.
3. O professor orientará os alunos num trabalho de pesquisa científica, de acordo o manual sugerido.
4. O tempo de orientação será no turno de aula, com um dois períodos semanais, organizado no cronograma anexo. O professor também poderá utilizar os períodos de recuperação para orientar seus grupos.
5. Os grupos deverão efetuar sua inscrição na Feira de Iniciação Científica Adolfin.
6. A pesquisa deverá seguir os seguintes critérios:
 - a) Ter um caderno de Campo e Pasta de Documentos.
 - b) Elaborar um PLANO DE PESQUISA
 - c) Executar a pesquisa
 - d) Escrever o Relatório da pesquisa.
 - e) Preparar a apresentação na FIC.
7. A cada ano será desenvolvido um cronograma próprio de atendimento.

Avaliação

O principal momento de avaliação é a Feira Científica, quando os alunos apresentam o resultado do seu trabalho para a comunidade escolar. Neste momento, eles



estão sendo avaliados de acordo como o regulamento da feira e recebem uma classificação de acordo com a sua categoria.

Durante o processo, os alunos são acompanhados por seus professores e realizam autoavaliação frequente, de acordo com o desenvolvimento do trabalho e avaliam uns aos outros para o avanço da pesquisa.

Ao final do trabalho, os alunos fazem uma autoavaliação que é entregue juntamente com o boletim do 2º trimestre. Não há uma nota ou conceito atribuído a este projeto no boletim. Ou seja, tentamos buscar o desejo pelo conhecimento, pelo desafio, não por uma nota ou conceito.

Na Feira Científica, quando os alunos apresentam o resultado do seu trabalho para a comunidade escolar. Neste momento, eles estão sendo avaliados de acordo como o regulamento da feira e recebem uma classificação de acordo com a sua categoria.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho; JACOBUCCI, Giuliano Buzá. **Quando o cotidiano pede espaço na escola, o projeto da feira de ciências “Vida em sociedade” se concretiza**. Ciência & Educação, v. 16, n. 1, p. 215-233, 2010.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Autores associados, 2000.
- DORNFELD, Carolina Buso; MALTONI, Kátia Luciene. **A feira de ciências como auxílio para a formação inicial de professores de ciências e biologia**. Revista Eletrônica de Educação, v. 5, n. 2, nov. 2011. Artigos. ISSN 1982-7199.
- FRANCA, Marco Túlio Aniceto; GONCALVES, Flávio de Oliveira. **Provisão pública e privada de educação fundamental: diferenças de qualidade medidas por meio de propensity score**. Econ. Apl., Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 373-390, Dec. 2010.
- FRANCISCO, Wellington; SANTOS, Igor Hernandes Ribeiro. **A feira de ciências como um meio de divulgação científica e ambiente de aprendizagem para estudantes visitantes**. Revista Amazônica de Ensino de Ciências, Manaus, v.7, n.13, p. 96-110, Jan.-Jun., 2014.
- HARTMANN, A.M.; ZIMMERMANN, E. **Feira de Ciências: a interdisciplinaridade e a contextualização em produções de estudantes de ensino médio**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência – VII ENPEC – ANAIS, 12p. 2009.
- MORAES, André Guerra Esteves de; BELLUZZO, Walter. **O diferencial de desempenho escolar entre escolas públicas e privadas no Brasil**. Nova econ., Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 409-430, Aug. 2014.



MOURA, Dácio Guimarães. **Feira de ciências: necessidade de novas diretrizes.** Revista Presença Pedagógica, Editora Dimensão, Belo Horizonte, N.6, Nov.Dez.1995.

SOARES, Jose Francisco; ANDRADE, Renato Júdice de. **Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte.** Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro , v. 14, n. 50, p. 107-125, Mar. 2006 .

TOGNI, Ana Cecília. **Feira de ciências no Rio Grande do Sul: um resgate histórico.** Revista Destaques Acadêmicos, Edição Especial, 2013 - Feira de Ciências/Univates.



#forAdacaixa

Projeto de aprendizagem compartilhada
EMEF Profa. Adolfin J. M. Diefenthaler

Contextualização:

Este projeto iniciou em 2014 como o principal objetivo de permitir o encontro entre estudantes e professores que normalmente não se relacionam na escola, a fim de que todos pudessem se conhecer e conviver harmonicamente na escola.

O projeto está amparado pelas competências da BNCC que valoriza a partilha de informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos. Valoriza a diversidade de saberes e vivências culturais e apropria-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitam entender as relações próprias do mundo fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Este projeto consegue desconstruir certezas que circulam nos espaços escolares como os que dizem que os alunos só aprendem com colegas da mesma idade ou nível de desenvolvimento ou que a convivência entre crianças e jovens não é produtiva ou mesmo desejada por eles. Trabalha com os medos e inseguranças das famílias, que passam a perceber a importância e os benefícios da autonomia desde os bem pequenos. Essas famílias procuram a escola inseguras no início, mas logo percebem o desenvolvimento do projeto isso se torna natural e passam inclusive a defender o projeto.

O projeto #Fora da Caixa busca aprendizagens compartilhadas. São criadas pelos professores diversas oficinas, com temáticas variadas procurando responder a necessidade de articular os conhecimentos, desenvolver a pesquisa, a aprendizagem compartilhada e a convivência, além de oferecer alternativa metodológica para incentivar o desejo e a busca pelo conhecimento entre alunos e professores.

Atualmente o projeto conta com três ações:

1. Oficinas:



OBJETIVO: O objetivo das oficinas é oportunizar vivências de aprendizagem diferenciadas e compartilhadas, a fim de desenvolver a autonomia, convivência, respeito e integração entre os alunos dos diferentes anos escolares.

PÚBLICO ALVO: Todos os alunos do 1º e 2º Ciclo.

METODOLOGIA: Os alunos são divididos em 10 grupos por turno, nomeados por cores e participam de oficinas diversas preparadas pelos professores, visando o objetivo do projeto e contemplando as diferentes idades. Cada grupo tem representantes de todas as turmas e os grupos são reorganizados a cada ano. Os professores mudam de sala depois de dois encontros, os alunos permanecem durante todo ano no mesmo grupo e na mesma sala.

As oficinas acontecem semanalmente, durante uma hora, normalmente nas segundas-feiras.

MANHÃ: 9h30-10h30

TARDE: 15h30-16h30

2. Recreio compartilhado:

O Recreio compartilhado consiste em um momento pedagógico onde a interação, a autonomia e o protagonismo são eixos norteadores. Todos os alunos da Faixa Etária 4 da Educação Infantil até a segunda etapa do 4º ciclo, encontram-se nos espaços comuns da escola, por um período de 30 minutos. Esse projeto aconteceu depois da solicitação feita pelos alunos em assembleia, de fazer mais vezes o recreio prolongado, que ocorria uma vez por mês nessa mesma organização. Seguindo o raciocínio de que se funcionava uma vez no mês funcionaria todos os dias, fizemos a experiência que acabou se concretizando em um recreio mais calmo, com menos conflitos e muito mais protagonismo.

Os alunos circulam livremente pelos espaços da escola e quem faz a mediação deste momento são os monitores que são alunos voluntários do 4º ao 9º. Esses alunos são orientados pela equipe diretiva em como mediar pequenos conflitos e a buscar os adultos referência quando não conseguem resolver a situação.

Além da equipe diretiva, outros professores circulam pelo recreio e promovem espaços com desafios e vivências de acordo com suas potencialidades e escolha dos alunos. Esses espaços vão se modificando à medida que o interesse vai mudando. Já



tivemos sala de jogos de videogame na sala de Artes, bonecas e casinha em frente a SRM, oficinas de maquiagem, jogos variados na biblioteca, pintura de rosto, oficina de desenho, música e dança, futebol na quadra e no campo de areia, pebolim, ping-pong, cama de gato, jogos no refeitório, espaços de desenho com giz no chão e na parede entre outras propostas trazidas por alunos e professores.

É um momento rico onde os alunos podem se posicionar em relação ao cuidado de si mesmo e dos outros, tomando decisões, argumentando, defendendo ideias, pontos de vista levando em consideração os direitos humanos.

Nesse espaço de interação os alunos podem ainda aprender compreender a diversidade humana e reconhecer suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. Exercitam a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro.

3. Pracinha compartilhada:

Seguindo os mesmos objetivos do recreio compartilhado, a pracinha também é um espaço de aprender e compartilhar. Duas turmas utilizam juntas a pracinha do bairro, buscando além da interação entre alunos de faixa etárias diferentes o desemparedamento proposto por Léa Tiriba, que nos faz pensar sobre o tempo que as crianças passam dentro de salas de aula. É mais um momento que damos ouvidos ao desejo das crianças de terem contato com os elementos da natureza, encontrando espaço para o corpo, o desejo e contato com o mundo natural. Este momento acontece com estudantes dos dois primeiros ciclos uma vez por semana em horários alternados.



Projeto institucional de aprendizagem e ensino de Matemática

Objetivo Geral:

Transformar a aprendizagem matemática baseando-se na resolução de problemas revendo a metodologia seguida na escola.

Objetivos específicos:

1. Incentivar o gosto pela matemática.
2. Realizar pesquisas para comprovar as hipóteses.
3. Oferecer aos professores de Anos Iniciais encontros de formação a fim de discutir a metodologia adequada para o ensino de matemática.
4. Incentivar os professores da escola a estudar matemática.
5. Promover eventos na área da matemática.

Metodologia:

A metodologia do projeto consiste em leituras de textos teóricos, discussões presenciais ou EAD e oficinas com os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental desenvolvidas pela coordenação e pelas professoras de matemática no decorrer do ano letivo. Encontros regulares com professores para discutir planejamento e mediação da aprendizagem. Professor de projeto de matemática em dias de planejamento do professor.

O projeto institucional para o ensino da matemática iniciou na EMEF Prof. Adolfin J. M. Diefenthaler em 2017, organizado pela coordenação pedagógica e as professoras dessa disciplina nos Anos Finais do Ensino Fundamental, com o objetivo rever a metodologia utilizada na escola. Entendeu-se, na época, que a metodologia era excessivamente centrada no ensino do algoritmo tradicional, deixando de lado o raciocínio lógico-matemático dos alunos. Esta constatação tomou forma no pensamento das professoras de matemática porque os alunos chegavam no sexto ano sem terem desenvolvido o cálculo mental e com grande dificuldade para resolver problemas, buscando sempre respostas prontas e questionando “qual continha usar” ao invés de tentar solucionar os desafios propostos. Além disso, os resultados da escola nas avaliações externas estavam muito abaixo do desejado, sendo que em 2013, apenas 12% dos alunos de 9º ano apresentaram desempenho adequado na aprendizagem matemática



medida pela Prova Brasil e em 2015, apenas 33%.

“Os alunos estarão se comunicando sobre matemática quando as atividades propostas a eles forem oportunidades para representar conceitos de diferentes formas e para discutir como as diferentes representações refletem o mesmo conceito.” (SMOLE, 2012, p. 13)

Respeitar e compreender a linguagem que o aluno se comunica é uma das diretrizes essenciais deste projeto e talvez a mais complexa. O professor precisa desistir do papel de conhecedor e salvador ao qual muitas vezes se remete e aprender junto com o aluno. Nem todos os professores conseguem se desprender desse papel com facilidade, porque a forma conservadora da escola está marcada na sua própria construção como o certo e o necessário. Nenhum professor quer deliberadamente que seus alunos passem por dificuldades, por isso a mediação dos coordenadores se torna essencial. Um professor que se permite descobrir caminhos novos consegue desenvolver uma relação de compartilhamento com os seus alunos.

“Durante o processo de discussão e resolução de situações problema, o aluno é incentivado a desenvolver a sua metacognição ao reconhecer a dificuldade na sua compreensão de uma tarefa ou tornar-se consciente de que não compreendeu algo. Saber avaliar suas dificuldades e/ou ausências de conhecimento permite ao aluno superá-las, recorrendo, muitas vezes a interferência a partir daquilo que sabe.” (SMOLE, 2012, p. 13)

O conhecimento prévio do aluno não é desperdiçado quando as propostas permitem a interação com o conteúdo e o desenvolvimento de um raciocínio próprio que envolve também o outro, colega ou professor. Neste momento, não se desenvolve apenas conteúdos de matemática, mas todos os outros necessários para esta interação. Em consequência, as respostas dos alunos a problemas de outras disciplinas também ficam mais qualificadas e a aprendizagem cada vez mais interdisciplinar.

Avaliação



Para acompanhar a aprendizagem dos professores em relação à produção de aulas organizadas dentro do projeto, as coordenadoras reúnem-se periodicamente com os professores para acompanhar o planejamento.

Também ocorrem avaliações do projeto e das oficinas ao final dos encontros.

O acompanhamento da aprendizagem dos alunos se dá com os instrumentos de avaliação dos professores.

O projeto permite que percebêssemos muito claramente que os professores dos Anos Iniciais não conseguiam compreender a importância da matemática no currículo e que os benefícios de uma alfabetização matemática adequada nos Anos Iniciais poderia transformar o pensamento dos alunos em todas as disciplinas. Favorecer o resolver problemas no lugar de decorar fórmulas, produz aqueles cidadãos críticos que tanto queremos formar. Compreender que a Matemática não é fechada em si mesma, mas faz parte de tudo o que nos envolve, permite que possamos oferecer os nossos alunos um ensino de maior qualidade.



Projeto de Gestão Democrática

Assembleias

As assembleias são momentos em que os alunos, professores, funcionários e pais compartilham sobre os atuais problemas na escola e, posteriormente, levam estas demandas a direção para que sejam encontradas soluções para tais problemas. Os problemas são analisados pela direção que decide quais estão viáveis a serem resolvidos e quais devem ser levados a outras competências.

Ao final do ano, os problemas ainda não resolvidos são levados diante de uma Conferência ao qual participam todos os segmentos (alunos, professores, funcionários, pais e direção) e votam no que deve ser prioridade para ser resolvido no ano que vem.

As assembleias ocorrem em momentos diferentes para cada segmento. Para os alunos as assembleias ocorrem em sala de aula uma vez por mês. Neste dia o professor que atenderá a turma leva a sala o caderno onde devem ser discutidas as demandas anteriores e acrescentar novas demandas. Cada turma possui um caderno próprio que no dia da assembleia é retirado para levar a sala. Os alunos, a partir do 4º ano, realizam a assembleia sozinhos. Em determinados momentos a direção recebe os representantes de cada turma em uma reunião para discutirem sobre as demandas dos alunos e dar explicações ou soluções sobre os problemas trazidos por eles.

Para os professores e funcionários, as assembleias acontecem mensalmente em um momento reservado das reuniões em grupo. Este é o momento que todos podem trazer adiante questões para serem esclarecidas com a direção ou levadas adiante para que possam achar uma solução. Nas assembleias, os participantes votam sobre quais demandas e exigências devem ser levados a frente e quais não tem relevância no



momento para a escola.

Para os pais, as assembleias acontecem em momentos separados pela direção onde os pais são convidados a participar para poderem trazer a escola sua voz e estabelecer uma comunicação direta com a direção sobre os problemas e exigências que têm sobre a escola. Durante estas assembleias os problemas que podem ser esclarecidos desde já pela direção são discutidos e os que atingem a escola de uma maneira maior são levados para a Conferência de final de ano.

Todos os segmentos possuem um momento próximo ao final de ano onde trazem a votação suas demandas e exigências que serão levados para a Conferência Escolar. Neste momento os participantes definem quais são as prioridades que o grupo escolheu para levar adiante para os outros segmentos votarem também. Os participantes devem votar em cada exigência como o voto de sim, não ou se abster. Ao final desta assembleia é redigido um documento com as exigências levantadas e então encaminhados a direção para que possam ser votados na Conferência ao final do ano.

Conferência Escolar Adolfina

A Conferência Escolar Adolfina acontece ao final do ano, geralmente no mês de novembro, quando todos os segmentos já levantaram suas exigências e as encaminharam para a direção que por sua vez as encaminha para o Grupo de Gestão Democrática da escola para redigirem um documento com as demandas de todos os segmentos. Antes de serem votadas as novas demandas, é feita uma leitura das demandas do ano vigente para ver quais objetivos foram alcançados ou não alcançados e o motivo por não serem alcançados. Após a leitura do documento do ano vigente, é trazido adiante o documento com as demandas para o ano seguinte. Este documento é trazido a Conferência onde todos os segmentos votam juntos. Os participantes votam sim, não ou se abstém dos votos. As demandas e exigências precisam ter em maioria votos de sim do que votos de não. Os votos das pessoas que se abstém não são contados. As



demandas e exigências aprovadas são lidas novamente ao final da Conferência e depois colocadas em um documento que será levado para a direção, sendo estas as prioridades escolhidas para serem trabalhadas no próximo ano.



PROJETO ESCOLA SUSTENTÁVEL

A sustentabilidade na escola pode ser definida como um conjunto de práticas e ensinamentos, que ocorrem dentro do ambiente escolar estendendo-se a toda comunidade, práticas estas voltadas para o desenvolvimento sustentável do planeta. Dentro deste contexto a Escola Adolfin realiza ações com o intuito de desenvolver na comunidade escolar o senso de responsabilidade e comprometimento com o meio em que se vive. Assim as atividades realizadas tem como objetivo levar o educando, pais, professores e funcionários a refletirem suas práticas diárias criando estratégias para amenizar os impactos ambientais causados pelo ser humano.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente e Saúde: Os conteúdos de Meio Ambiente serão integrados ao currículo através da transversalidade, pois serão tratados nas diversas áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, criar uma visão global e abrangente da questão ambiental (1997, p.36).

Como é um tema transversal para que atinja toda a comunidade escolar criou-se uma comissão do meio ambiente com representantes de todos os segmentos (pais, professores, funcionários e alunos) e as ações desenvolvidas contam com a ajuda dos bolsistas do PIBID-BIO.

CONTEXTUALIZAÇÃO:

A escola, como espaço de educação formal, precisa repensar ações e refletir o papel dos educadores na contemporaneidade. É urgente a necessidade de passar para nossas crianças, adolescentes e jovens valores mais humanos e menos materialistas. Precisamos formar cidadãos mais conscientes em relação ao consumo. Para isso necessitamos intensificar a Educação Ambiental em nossas escolas e preparar nossos alunos para identificar e buscar soluções para os conflitos ambientais encontrados em nosso espaço.

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e a atuar na realidade socioambiental de modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para



isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e procedimentos. Esse é um grande desafio para a educação. (PCNs, p. 187)

Todavia essa educação não deve partir somente das Escolas, mas podemos fazer a provocação inicial começando a partir de pequenas mudanças de hábitos e atitudes relacionadas ao Meio Ambiente.

Quando falamos em Meio Ambiente não podemos nos excluir, pois somos parte integrante desta grande teia, onde devemos respeitar todas as formas de vida e viver em harmonia com os seres não vivos que completam o ecossistema, para que desta maneira tenhamos um ambiente em equilíbrio. Para isso devemos incansavelmente incentivar atitudes de mudanças, resgatar valores e sensibilizar as pessoas, sabe-se que o processo é lento, sendo assim, a Educação Ambiental não pode ser apenas uma disciplina no histórico escolar do aluno e sim um processo permanente, que deve acontecer em todos os momentos e lugares. Nas Escolas temos o amparo legal da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB no 9394) que traz o Meio Ambiente como tema transversal, cabe a cada Instituição de Ensino, construir o conhecimento no seu dia a dia e desta forma criar a sua identidade, referente à preocupação com um presente e um futuro melhor, respeitando sempre todas as formas de vida.

Tendo em vista, a importância social das Escolas no que se refere à conscientização, transmissão de conhecimento, pequenas ações podem fazer a diferença na sociedade, pois os estudantes são grandes multiplicadores em suas famílias. As atividades pontuais/comemorativas (dia do Meio Ambiente, Dia da Água...) são importantes, mas não podemos nos limitar apenas nestes “eventos”. As práticas simples do dia a dia, como separação do lixo, cuidados com o jardim, cultivo de horta, compostagem, campanhas para evitar desperdícios, consumismos, saídas de campo, destino correto aos resíduos faz com que o aluno enxergue-se como integrante do Meio Ambiente e reflita sobre a interdependência que existe, bem como, a importância de cada um fazer a sua parte nesta Teia da Vida. Desta forma a Educação Ambiental vem sendo desenvolvida na EMEF Profa Adolfina Diefenthaler.



Projeto #aprenderecompartilhar

Sempre ouvimos que é necessário inovar na educação, que a educação brasileira é uma das piores do mundo, que a educação pública está falida, que precisamos de uma reforma, uma escola sem partido, uma escola sem ideologia de gênero, uma escola sem bullying, uma escola para todos. Os discursos todos se misturam e parece que um exclui o outro, que precisamos escolher um único caminho e andar por ele.

Isso não faz bem para a educação e, com certeza, não permite que as escolas construam seu próprio caminho. A Escola Adolfinha, como é carinhosamente chamada, pretende ser uma escola na qual todos aprendam sobre tudo e qualquer coisa e que esse aprendizado seja compartilhado com os colegas, com os professores, com a comunidade.

No início de tudo está o olhar para dentro, para si mesmo, para seus pontos fortes e suas fraquezas, para construir de dentro, uma escola forte, feliz e, de certa forma, inovadora.

A inovação, neste caso, não vem só de novas práticas, de tecnologia ou de teorias. A inovação está no ato de compreender que não existe solução se não conhecermos o problema. Isso que é #aprenderecompartilhar, um conjunto de ações que se voltam para os problemas reais que enfrentam as pessoas que convivem na Adolfinha.

#aprenderecompartilhar - A escola

Durante quase sete anos, estivemos observando nossa realidade, compreendendo nossos fracassos ou sucessos e experimentando pequenos projetos que foram impactando nossa comunidade de diferentes modos e construindo um “jeito de ser Adolfinha”, “um jeito de fazer Adolfinha”, reconhecido pelos outros membros da nossa rede educacional como um “projeto muito à frente” dos outros. Com certeza, não nos interessa ser a frente de nada ou ninguém, nos interessa, isso é certo, andar para frente juntos, a cada passo carregando todos e cada um no caminho do conhecimento consciente, da cidadania crítica, da felicidade, da realização de “ser alguém” capaz de andar por aí



compreendendo nosso ser, nossa aldeia, a coletividade e o mundo e, ainda, ser capaz de agir sobre esse mundo, micro e macro, buscando um tempo melhor.

As experiências que nos possibilitaram forjar este nosso jeito de ser sempre tiveram como base as ideias da participação coletiva, da utilização e “subversão” do tempo e do espaço escolar, da consciência de que todos (professores, alunos e comunidade) podem e devem aprender, da certeza de que se aprende tanto sozinho, como junto e misturado, da necessidade de respeito, tolerância e solidariedade e da convicção de que uma educação pública de qualidade é possível.

O primeiro projeto a ser implementado foi a Gestão Democrática. Alunos, professores, funcionários e familiares, discutindo que se quer ou se precisa para a escola, a partir da necessidade e da perspectiva única de cada grupo. Nas assembleias são os participantes que trazem as demandas, discutem e votam se a questão deve ou não ser levada para a Conferência Escolar ou pode ser resolvida com a Direção da Escola ou entre eles mesmos. As assembleias são mensais e organizadas por uma comissão escolhida entre os grupos, que viabiliza horários, espaços e registros. O primeiro documento de conferência foi escrito em 2013.

Junto a isso iniciamos um processo de organização da escola colocando em prática pequenos mecanismos de controle que ainda estão funcionais:

- 1) Planilha de registro de atitudes dos alunos de Anos Finais
- 2) Acompanhamento e registro por parte da coordenação pedagógica dos níveis de escrita e leitura dos alunos do Bloco pedagógico (1º ao 3º ano)
- 3) Criação de fichas de registro individual do desempenho dos alunos ao longo dos anos.
- 4) Oferecimento de aulas de recuperação pelos professores de Anos Finais aos seus alunos.
- 5) Fortalecimento do Laboratório de Aprendizagem e da Sala de Recursos Multifuncional, garantindo profissionais e carga horária suficiente.
- 6) Acompanhamento, análise e reflexão a partir dos índices da escola (reprovação, evasão, distorção idade série, Ideb, prova Brasil, Provinha Brasil e ANA)
- 7) Implementação gradativa do uso TICs na educação e organização administrativa.



8) Fortalecimento de projetos já existentes na área da sustentabilidade e desenvolvimento outros em todos os anos escolares.

O projeto seguinte a ser definido e implementado foi o Mais Adolfin, com o objetivo de oferecer para os alunos com defasagem de idade/série a possibilidade de serem atendidos nas suas necessidades específicas e de avançarem um pouco minimizando sua defasagem. Este projeto atendia alunos com defasagem de idade-série e de aprendizagem, em atividades de monitoria e tutoria em turno de aula e turno contrário. Tinha a previsão de uma professora com carga horária de 40 horas semanais. Esta professora atuava em conjunto com os professores de área e currículo. Junto a isso, os professores de Anos Finais continuavam com seus períodos de recuperação e tínhamos o Laboratório de Aprendizagem, todos trabalhando articuladamente a fim de reclassificar com êxito estes alunos. A cada ano, foram reclassificados cerca de 10 alunos. Com a evolução do projeto e das discussões sobre o mesmo no contexto da escola, os professores de Anos Finais cada vez mais conseguiram integrar, nas suas aulas e na sua recuperação, o trabalho com os alunos em defasagem. Em 2016, o projeto foi reduzido em 20h e em 2017 deixou de necessitar desse auxílio de um professor extra. Continuamos com a proposta, ancorados apenas nos períodos de recuperação dos professores. Apesar dos nossos esforços, ainda temos muitos alunos com defasagem idade-série nos Anos Finais, porque, mesmo que os alunos que iniciaram os estudos na nossa escola não estejam mais em defasagem, recebemos todos os anos cerca de 40 ou mais alunos de outras escolas e muitos encontram-se nesta situação e precisam ser atendidos. Este ano, temos 10 alunos em processo de reclassificação e nenhum deles estudou na Adolfin nos Anos Iniciais e 8 deles entraram este ano na escola.

A primeira experiência que teve como objetivo subverter a ordem seriada, o tempo e o espaço na escola, pois acontecia no horário das turmas regulares, foi a Contação de Histórias. Semanalmente, os professores trocavam de turmas e tinham que contar histórias em uma outra sala de um outro ano escolar. Durante 15 ou 20 minutos, as pessoas na escola não sabiam muito bem o que esperar.

Tanto para alunos, como para professores ou para os gestores, a proposta trouxe experiências ímpares, mas diferentes na sua interpretação. O projeto acontecia e nos Anos Iniciais e na Educação Infantil, mas, em alguns momentos, chegou a envolver toda a



escola. Como gestores, compreendemos que poderia ser um caminho para flexibilizar o trânsito entre os anos escolares, ampliar o conhecimento de todos das diversas realidades da escola, favorecer o envolvimento e a empatia entre professores e alunos e ainda colocar em discussão a rigidez da hierarquia escolar carregada dentro de nós, mais devido as nossas próprias experiências escolares, do que da rigidez imposta pela legislação. O projeto durou aproximadamente dois anos.

Os próximos dois projetos a serem relatados tiveram início muito próximo em tempo e foram dos que mais impactaram para a construção deste “jeito de ser Adolfina”, depois da Conferência Escolar: o Projeto de Iniciação Científica nos Anos Finais e o #foradacaixa.

O projeto de Iniciação Científica tem como objetivo experimentar a iniciação científica com os alunos e professores. Os alunos formam grupos de 5 componentes, pensam num tema para pesquisar e sugerem alguns professores para serem orientadores. Os alunos podem se escolher entre as turmas e os anos escolares do mesmo turno. De manhã, são oitavos e nonos anos, de tarde sextos e sétimos. Depois que os alunos fazem a inscrição, os professores selecionam os grupos numa reunião. Cada professor trabalha com três grupos por turno. Para manter a quantidade de grupos por professor, os coordenadores e orientadores da escola também orientam grupos.

Acontecem encontros de dois períodos toda a semana. Existe um cronograma para que, a cada semana, os encontros estejam em dias e horários diferentes para evitar utilizar o horário de uma só disciplina. Nos horários dos encontros, todas as turmas de Anos Finais participam, ou seja, nestes momentos todos os alunos e professores estão envolvidos, ocupando todos os espaços disponíveis, salas de aula, biblioteca, sala de informática, refeitório, etc. Depois de um mês de trabalho, os grupos apresentam os projetos para uma Banca de Orientação. Trazemos estudantes e professores de outras instituições envolvidos com a pesquisa para ouvir e orientar os grupos na finalização do seu projeto de pesquisa.

Em julho, depois de uns quinze encontros, acontece a FIC ADOLFINA - Feira de Iniciação Científica. A Feira dura três dias. Na quinta-feira, os alunos dos Anos Iniciais apresentam seus projetos de turma, na sexta, os alunos de Anos Finais e no sábado é um encontro de todos para apresentar para a comunidade e receber a premiação. Um evento grande e lindo (no que fazemos questão) que mostra para o mundo todo que neste



bairro, nesta escola, as pessoas se reúnem em torno do conhecimento. Este ano, tivemos 93 trabalhos apresentados. Nos dias de feira, trazemos mais de 100 pessoas para avaliar os trabalhos, entre professores de outras escolas, professores da SMED, estudantes de graduação e mestrado das universidades próximas, pessoas envolvidas com o trabalho social no bairro e outras pessoas interessadas em conhecer e participar do projeto.

O projeto acontece desde 2014 e cresceu e evoluiu muito, trazendo a confiança e o respeito da comunidade escolar. Todos compreendem que não é só mais um trabalho em grupo, é uma proposta de ensino. Este ano, estamos mais ambiciosos e vamos continuar no segundo semestre, desenvolvendo projetos para colocar em prática o que descobrimos e o que criamos. No final do ano, teremos outra mostra.

Parece simples, mas, por outro lado, o que acontece a cada dia, a cada encontro, a cada feira não é nada simples. Ou é, depende do ponto de vista. Tínhamos a ideia pré-concebida de que aprender e ensinar era uma coisa que se fazia numa aula, cronometrado, que só podíamos ensinar o que nossa graduação permitia, que tudo mais era responsabilidade dos outros, que podíamos medir a aprendizagem dos nossos alunos através de provas e que os resultados nos diziam tudo dos alunos, também achávamos que naturalmente alguns aprendiam e outro não. A escola era esse mundo previsível.

Desenvolvendo esse projeto percebemos que estávamos errados e que, dentre tantas coisas, é impossível medir o que acontece enquanto os alunos estão fazendo pesquisa. Tanto que largamos de mão esta pretensão e avaliamos este projeto através de autoavaliação individual e encontros coletivos de conversa entre os grupos e entre os professores.

Outra coisa que agora sabemos é que podemos aprender e ensinar sobre tudo e qualquer coisa, depende apenas de quanto nos dedicamos a isso. Então, a professora de matemática pode estudar a guerra da Síria com seus alunos, que o professor de arte vai orientar um trabalho de animais das profundezas abissais, que o professor de geografia pode aprender sobre hortas com seus alunos. Uma professora de português precisa aprender sobre unicórnios, uma professora de história sobre radiação e a coordenadora, sobre BMX.

Quem diria que seríamos assim livres para aprender e compartilhar?

O outro projeto é o #foradacaixa - Projeto de Aprendizagem Compartilhada. Este projeto já aconteceu de diversas formas, tanto nos Anos Iniciais quanto nos Anos Finais.



A idéia central é formar grupos misturando alunos de diversos anos escolares para participar de oficinas desenvolvidas pelos professores. Os professores precisam planejar uma oficina que possa ser compartilhada com alunos de diversas faixas etárias. Considerando a escola tradicional, este projeto consegue desconstruir alguns paradigmas antigos, principalmente aqueles que dizem que os alunos só aprendem com colegas da mesma idade ou nível de desenvolvimento ou que a convivência entre crianças e jovens não é produtiva ou mesmo desejada por eles. Podemos dizer que este é um projeto familiar, que os alunos interagem orientados por um adulto num espaço que poderia estar cheio de primos ou irmãos. É importante que as oficinas sejam desafiadoras e que permitam participação e a movimentação dos alunos, mas o mais importante, não é o conteúdo desenvolvido, é a interação. Os alunos circulam pela escola procurando sua sala, encontrando outros colegas, conhecendo uma nova professora, não conseguindo muito bem adivinhar o que esperar, mas sabendo que será uma experiência nova. Uma experiência ampliada com outros. Outros que representam o desconhecido, um desafio de convivência, um desafio de interação. Essas vivências não podem ser reconstruídas num ambiente controlado de turma regular. O #foradacaixa, mesmo organizado, mesmo planejado, mesmo definido é imprevisível no seu acontecer. Tanto alunos quanto professores se beneficiam desta experiência inesperada e constroem seu lugar na convivência da escola.

Estas experiências, diversas e impactantes, estão formando esta escola Adolfin, uma escola regida pelas mesmas leis e legislações que regem todas as outras, mas diferente na forma como une todos os seus atores.

Neste ano de 2018, foi dado um grande passo para que a convivência entre os alunos se estabeleça e aprofunde. Temos agora apenas um horário de recreio que foi ampliado em 10 minutos. Todos os alunos são liberados para o intervalo ao mesmo tempo e convivem em todos os espaços disponíveis da escola. Isso significa, que, por exemplo, temos alunos de 4 anos até 15 circulando juntos. O intervalo não tem mais cuidadores. Existem adultos que estão circulando e auxiliando em alguma situação de estresse, mas não estão cuidando. Os alunos organizados em grupos de monitores acompanham-se e auxiliam-se mutuamente. O espaço do recreio é o espaço das crianças e jovens. O espaço que eles comandam e que eles próprios regulam. A experiência só



está trazendo bons frutos, muita alegria e diversão, muito encontro, muita conversa, e apenas sua dose adequada de conflito.

Nossa caminhada sempre foi uma proposta de olhar para dentro, de construir a partir do que tínhamos e do que sabíamos. Então, acompanhar os índices das avaliações externas sempre foi considerado importante e relevante nas ações e propostas desenvolvidas. Olhando para isso, percebemos que mesmo tendo índices maiores no Ideb dos Anos Iniciais, ainda estamos desequilibrados nos Anos Finais. Além disso, os bons resultados ainda são mais reflexo da reprovação ter diminuído do que do aumento do aproveitamento medido pela Prova Brasil. A partir deste entendimento, iniciamos nosso primeiro projeto que interfere, define e discute o método de ensino dos professores na sua sala de aula regular: O Projeto Institucional para o Ensino da Matemática.

Este projeto elaborado e desenvolvido a muitas mãos, pretende transformar a aprendizagem matemática nesta escola, partindo da ideia de que cada aluno precisa desenvolver seu raciocínio próprio e construir sua aprendizagem através da resolução colaborativa de problemas. Neste projeto, deixamos de ensinar matemática (algoritmos, fórmulas, modelos) para permitir que os alunos aprendam. É um projeto audacioso e muito relevante para o desenvolvimento de cada um, aluno e professor, e para ser ponto de partida para o desenvolvimento de uma metodologia própria nesta escola.

Costurando junto tudo isso, ainda fomentamos o uso das tecnologias da informação, através do Google Education e do acesso a internet por rede wifi. Para contribuir, e em muito boa hora, estamos participando do projeto Escola Tecnológica promovido pela Secretaria de educação, como escola piloto. Desse projeto, já recebemos um curso sobre cultura maker, Chromebooks e melhoramento da rede de wifi e do sinal da Internet da Secretaria de Educação.

#aprenderecompartilhar - O projeto

#aprenderecompartilhar na Adolfin é o projeto que une todos os outros com o fim de iniciar uma nova proposta metodológica. É quando e onde vamos juntar nossas experiências e produzir uma proposta totalmente germinada aqui, no nosso quintal.

Sabendo e acreditando que as ideias, os pensamentos, opiniões e as informações precisam circular entre toda a comunidade escolar, procuramos fazer com que todos



possuam acesso às informações e possam acrescentar e sugerir em todos os setores e projetos.

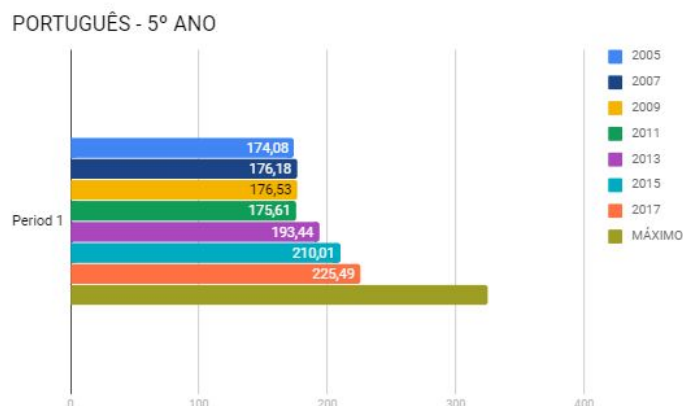
As ações para este projeto são as seguintes:

- 1) Avaliação e reflexão coletiva sobre todos os projetos da escola a partir de espaço no Drive.
- 2) Registros de alunos unificado em planilhas virtuais abertas.
- 3) Portfólios virtuais para o registro da trajetória dos alunos utilizando o Google Sites.
- 4) Ampliação do Projeto de Iniciação Científica para os Anos Iniciais
- 5) Aprofundamento do Projeto de Matemática
- 6) Desenvolvimento das propostas maker dos projetos de Iniciação Científica dos Anos Finais apresentados na FIC
- 7) Desenvolvimento de um método de aprendizagem-ensino para ser aplicado nas aulas a partir das experiências dos projetos já executados.
- 8) Desenvolvimento de um projeto institucional para aprendizagem-ensino de linguagem nos Anos iniciais.

#aprenderecompartilhar - O método

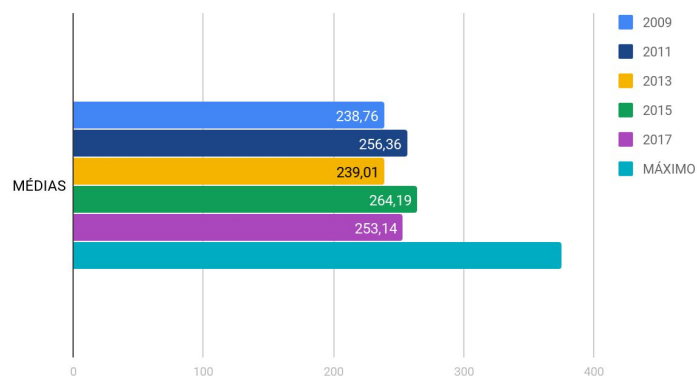
Acompanhando os avanços dos nossos alunos ao longo dos anos, continuamos a perceber que a apropriação da leitura, da escrita e do raciocínio lógico-matemático ainda deixa a desejar. Ao analisar os dados, percebemos que estamos em um espiral crescente nos Anos Iniciais e que temos ainda muita oscilação nos Anos Finais.

Os gráficos abaixo apresentam os resultados obtidos na Prova Brasil.

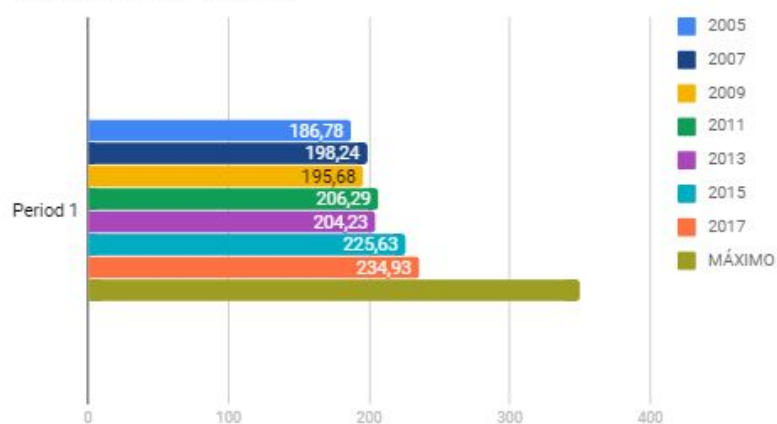




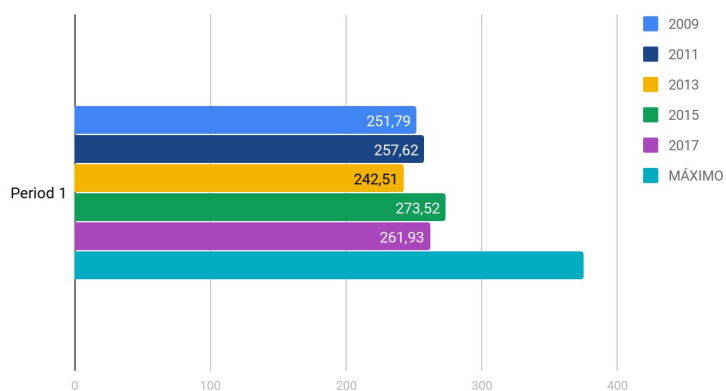
PORTUGUÊS - 9º ANO



MATEMÁTICA - 5º ANO



MATEMÁTICA - 9º ANO



Obviamente, todos os projetos que temos realizado têm contribuído para o melhor desempenho dos alunos nas avaliações, além de desenvolver habilidades que não são medidas neste instrumento, mas são essenciais para o fortalecimento do indivíduo



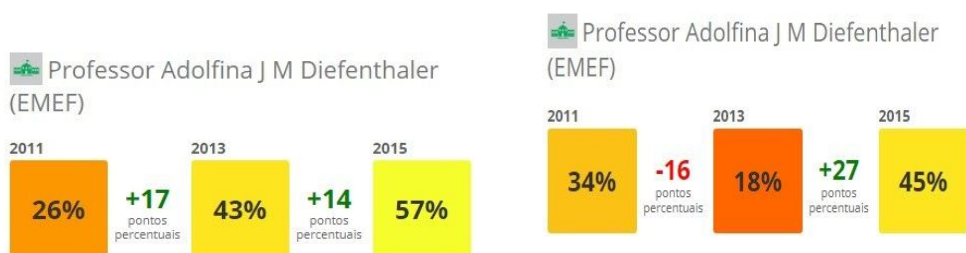
enquanto cidadão. Mesmo que nossos resultados estejam acima da média nacional, ainda são muito baixos.

Considerando que de acordo com o nosso PPP, a escola “busca a formação de um ser humano autônomo, transformador da realidade, comprometido com o seu desenvolvimento e o da coletividade, através do aprender a aprender, a conviver, a ser, a pensar e agir com consciência crítica”, ainda estamos muito aquém da dessa possibilidade.

Nossos projetos já permitiram mudanças importantíssimas em relação à convivência, ao respeito, à tolerância, ao comprometimento com o próximo, mas ainda não conseguimos alcançar o estágio de “aprender a aprender” ou “pensar e agir com consciência crítica”, visto que a maioria dos alunos não domina as habilidades básicas de leitura, escrita ou raciocínio lógico.

Neste gráfico elaborado pelo Qedu, percebemos com mais clareza.

A primeira imagem representa a porcentagem de alunos com aproveitamento adequado nos Anos Iniciais e a segunda, nos Anos Finais em Língua Portuguesa.



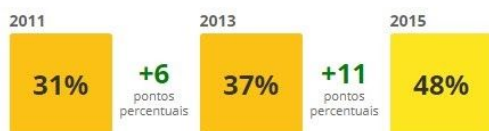
Não há como negar o crescimento. Em análise simples, apenas 26% dos alunos apresentaram aproveitamento adequado em 2011 no 5º ano, mas em 2015, os mesmos alunos apresentaram um aproveitamento de 45% ao final do fundamental. Podemos considerar que estamos fazendo tudo certo.

Por outro lado, ao olhar os números considerando que representam mais do que números, representam pessoas, jovens que estavam efetivamente estudando na nossa escola, sabemos que, ao final de 2015, de cada 100 alunos, 65 ficaram para trás.

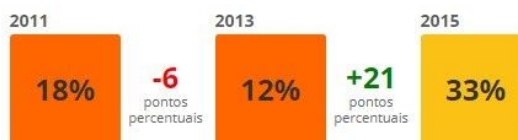
No desempenho lógico-matemático, nossos números são ainda piores.



Professor Adolfin J M Diefenthaler
(EMEF)



Professor Adolfin J M Diefenthaler
(EMEF)



Ao final de 2015, tínhamos 77 jovens que não conseguiram um desempenho adequado em matemática. Em algum momento, alguém poderia dizer os números não representam todo o aprendizado que acontece na escola. Com certeza, pelo que já foi descrito anteriormente neste texto, os números não podem abarcar a grandeza que está se construindo esta escola. Impossível!

Analisar os números com essa frieza técnica nos mostra apenas, e com certeza, que o aprendizado dos nossos alunos, medido dentro dos parâmetros da Prova Brasil, não está bom. Não está nem mesmo num número aceitável.

Agora a pergunta pode ser feita desta maneira: será que nossos alunos estão saindo da escola com aquela habilidade de “aprender a aprender” que falamos na nossa filosofia? Ou “pensar e agir criticamente”?

Nos Anos Finais continuamos a dizer que os alunos (a maior parte ou uma parte considerável) não estudam, não gostam de ler, não gostam de escrever, não fazem tema, não entregam trabalhos, faltam muito, não acessam os e-mails, nem o Drive, nem o classroom, e tudo mais... Enfrentamos muita dificuldade para fazer com que os alunos escrevam relatórios, justificativas, conclusões, definições, ou seja, qualquer coisa que não seja copiada de algum lugar, que seja autoria.

Este é um problema real para o qual não conseguimos soluções no nosso atual repertório de propostas, porque não basta apenas utilizarmos tecnologia para fazê-los ficarem motivados, porque não é só uma questão de motivação, mas uma questão de competência. Precisamos fazê-los competentes. Como?

Não muito longe da nossa própria proposta pode estar a solução. Pode o ensino pela pesquisa fazer diferença na sala de aula? Já sabemos que faz diferença no projeto, mas o projeto não é aula. Na aula, ainda estamos dentro da caixinha: tempo-espaco-conteúdo-atividade-avaliação.

Existiria vida fora desta caixinha?



Segundo Almeida, 2018,

“A experiência de ensinar ciências em uma perspectiva que valorize o questionamento e a dúvida mexe com a cultura de ser professora. Isso implica, necessariamente, em operar uma quebra na rotina da aula e, portanto, provocar uma espécie de desordem sobre a ordem. O educador, como interlocutor e organizador no ato pedagógico, pode oferecer à criança a possibilidade de experimentar um desequilíbrio cognitivo, evidenciando a escola como um lugar de aprendizagem da linguagem científica.”

O que seria essa cultura de ser professora que remete a aula, a prova, a saber de tudo e estar sempre certo, a ordem sobre a desordem, a disciplina, a livro e exercício. Com fazemos para nos livrar dela? Mas queremos nos livrar dela? É mesmo necessário nos livrarmos dela?

Pedro Demo em diversos momentos nos diz que o problema da escola é a aula e que, em qualquer análise que ele faça, estamos fazendo tudo errado. Na análise que fazemos aqui da nossa Adolfin, podemos perceber nossos avanços e também onde estamos estagnados.

O que importa é garantir a chance de aprender com autoria das crianças, o que exige pedagogias participativas inspiradas em problematização, projeto, pesquisa, elaboração constante, argumentação e contra-argumentação, adesão à autoridade do argumento (não do argumento de autoridade), sem indicação deste ou daquele “método” fetichizado. A participação do professor cresce imensamente em tais ambientes autorais de aprendizagem como **orientador** e **avaliador**, ou, **mediador**, colaborando com o esforço dos alunos na produção própria de conhecimento. Assume-se que a habilidade de produção própria de conhecimento é das mais valorizadas hoje, na vida e no trabalho, permitindo continuar aprendendo sempre, renovar a profissão incessantemente, autorrenovar-se crítica e autocriticamente. Esta habilidade não provém de “aula”; esta, mais facilmente, atrapalha porque deixa o estudante escutando conteúdos, que anota e devolve na prova, mimeticamente. Demo, 2018

Neste trecho, destaco o “aprender com autoria” como um dos pontos principais, pois indica o que queremos a muito tempo: alunos e professores autores. Inicialmente, precisamos de professores autores, que se desafiem a desenvolver e experimentar um método próprio, um “jeito Adolfin” de fazer escola, ancorado nas novas ideias e metodologias que estão sendo discutidas na atualidade, mas situado aqui, a partir das nossas experiências.

No ano passado, ousamos iniciar uma proposta assim com o projeto de matemática e estamos ainda ajustando a metodologia junto com as professoras de matemática e as professoras de Anos Iniciais. Metodologia baseada na resolução de problemas, que serve muito bem para matemática, mas serviria para outras disciplinas?

Na fala da professora Vanusa na sua avaliação do semestre percebemos que podemos estar no caminho, mas a estrada é longa:

“A prática de não aceitar somente um número como resposta, mas sim uma justificativa que explique o raciocínio do aluno tem sido muito importante para avaliar e identificar como cada um



aprende, entende ou acha que entende. Tenho fotografado os cadernos com soluções geniais, mas também com tristes equívocos onde percebo que o desafio para promover, de fato, uma aprendizagem efetiva é muito grande.”

O desafio agora é ser mais ousado e englobar propostas, métodos ou ideias para serem utilizadas em todas as disciplinas, mesmo que não necessariamente da mesma forma.

Considero que estamos num momento propício para esta experiência, porque já estamos em processo de mudança com o acesso mais amplo a Internet e com a necessidade de desenvolver um projeto de educação tecnológica consistente, solicitado pela mantenedora.

Além disso, os professores, na sua maioria, sinalizaram, nas suas autoavaliações, o desejo de inovar.

“Penso que preciso ainda avançar no quesito de deixar eles criarem, fazerem e não só ouvir e repassar o que ouviram nas atividades.”

“Fiz um trabalho voltado para a área da tecnologia nos 6º anos e para o 9º ano, o foco principal se manteve na apropriação de conteúdos matemático na forma da resolução de problemas.”

“Meus objetivos para o próximo semestre são, basicamente seguir fazendo o meu trabalho da forma mais competente possível e desenvolver bons projetos no Projeto Maker.”

“No próximo semestre, quero embarcar de vez na onda tecnológica da escola e incrementar minhas aulas com mais uso da TV, dos Chromebooks, da Internet e do novo projeto de ensino que estou desenvolvendo”

Então, agora temos professores motivados, equipamentos e recursos, basta apenas coragem para executar.

Em um texto especialmente enviado para a Adolfin, Pedro Demo comenta:

“Ficaria bem uma noção mais visível de “aprendizagem”, que chamo de “autoral”, baseada na autoria do estudante, sem aula e sem prova. Esta aprendizagem precisa começar no professor (autor, cientista, pesquisador). No texto sobre matemática, que achei particularmente importante, a aprendizagem ainda não é nitidamente autoral. Gostei em particular do “aprender a estudar”. (...) A avaliação se faz sobre o que o estudante produz, sua autoria – através dela pode logo saber seus déficits, em geral astronômicos e começar arrumar. O estudante começa com algumas linhas apenas, mas essas 5 linhas iniciais precisam transformar-se em 5 páginas, cientificamente adequadas (educação científica). Esta trajetória pode ser emancipatória, porque o estudante a aprender a “ler a realidade” com autoria.”

Podemos ter neste trecho o início do nosso estudo pelo nosso método.



Projeto Institucional Aprendizagem e Ensino de Linguagem

Objetivo Geral: Desenvolver uma proposta coletiva de aprendizagem e ensino da linguagem na escola, que envolva a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Público Alvo: Todos os alunos da escola (730)

Período: Ano letivo de 2020

Objetivos Específicos:

- Organizar uma pesquisa científica sobre hábitos de leitura na escola.
- Criar estratégias para desenvolver a competência leitora e escritora na comunidade (alunos, professores, funcionários e famílias)
- Estudar e desenvolver o ensino da escrita através de PDGs.
- Criar grupos de estudo entre os professores e coordenação para discutir as novas propostas de ensino.
- Discutir estratégias para aprimorar a leitura e a escrita dentro dos projetos de pesquisa.
- Criar atividades permanentes que incentivem a leitura e a escrita autoral em todos os níveis de ensino.
- Proporcionar atividades multidisciplinares para contribuir com a continuidade da alfabetização dos alunos que não concluíram o processo até o final do 1º Ciclo.
- Acompanhar, através de ficha própria, o processo de alfabetização dos alunos que ainda não concluíram ao final do primeiro ciclo.

Fundamentação Teórica:

Metodologia:

As ações do projeto serão organizadas e avaliadas nos encontros de planejamento coletivo e nos encontros dos professores dos ciclos.

Atividades Permanentes:

1. Esse livro eu li e...
Mensalmente, os professores devem apresentar para seus alunos, livros que eles tenham lido e gostado, relacionando a sua vida, seu tempo de escola, o conteúdo da disciplina. O objetivo é apresentar aos alunos livros que tenham memórias afetivas. Preferencialmente



que eles possam ser retirados da biblioteca ou que vocês tenham o livro e possam emprestar.

2. Lê pra mim...

Durante o recreio, os professores interessados podem pegar um crachá e sentar no pátio para ouvir a leitura dos alunos que se interessarem. Alunos mais velhos podem ser ouvintes também. Atividade opcional.

3. Portfólios

Cada aluno possui um portfólio de Aprendizagem acessado através do seu login desde que entra na escola. Os professores devem propor tarefas e oferecer momentos de registro para os alunos desenvolverem. No 3º e 4º Ciclo, os professores de Português devem garantir que todos os alunos possuam um portfólio, mas todos os professores devem incentivar o registro.

4. Diário de Turma (Ed. Infantil, 1º e 2º Ciclo)

Um caderno no qual os alunos registram as aprendizagens do dia em forma de relato.

5. Fanzines (Ed. Infantil, 1º e 2º Ciclo): Cada turma da Educação Infantil ao final do 2º Ciclo, deverá produzir um fanzine a cada 15 dias relatando o que aconteceu naquele período. Cada edição deverá ter um pequeno grupo responsável pela sua criação. Cada aluno deverá receber uma cópia para levar para casa.

6. Registro individual da rotina: o registro diário do caderno não deve ser a cópia da rotina do quadro, mas sim o registro do próprio aluno, valorizando sua autonomia e autoria.

7. Acompanhamento Individual da Ortografia:

Ficha de acompanhamento individual de ortografia. Cada aluno terá sua planilha de acompanhamento individual. No 3º e 4º Ciclo, será de responsabilidade dos professores de Língua portuguesa, mas incentivado por todos.

8. Retirada Semanal de livros na Biblioteca.

Todas as turmas deverão ter horário semanal para retirar livros na Biblioteca com acompanhamento de um professor.

Avaliação: Ainda estamos em processo